

Uma jovem paciente interiorana conta uma aventura em sua sessão. Panicada frente aos enigmas do vestibular, da cidade e da própria sexualidade, resolve ir a pé do cursinho até sua casa, percorrendo boa parte da Avenida Paulista. Entre os diversos tipos que transitam - executivos, estudantes, mendigos - conta seu desconcerto e fascínio diante de uma figura que, sozinha, com cabeça de urso panda, minissaia e saltos altos, porta um cartaz com os dizeres: “Não faço sexo há 365 dias”. Convidada a falar mais sobre “o que seria isso?”, pois essa era sua questão, arrisca: “Acho que era uma manifestação”.

Na mesma Paulista, após a alternância entre as concentrações vermelhas e verde-amarelas, predominavam os grandes atos convocados por entidades de longa história de lutas, como a CUT, o MST, a UNE, com o lema “não vai ter golpe”. Mas surgiam manifestações/movimentos que pareciam ter em comum apenas o desejo de exercer uma cidadania diferente da mera categoria eleitor ou militante. Afastavam-se de formas emblemáticas como a passeata com trajeto e destino conhecidos, as assembleias gerais deliberativas e a organização em torno do palanque, ostentando uma independência dos partidos políticos e entidades instituídas. Pareciam focar-se em pautas aparentemente bem delimitadas e específicas. Eram grupos menores e também de minoria no sentido deleuziano, que não diz respeito necessariamente ao número, mas à distância em relação ao elemento dominante: macho, adulto, hetero, branco, burguês, educação formal. Mulheres, indígenas, Sem Teto, estudantes, LGBT, mas também todos aqueles, pessoas e tribos, sufocados pelos termos em que a vida se conjuga hoje, sob a hegemonia neoliberal: não apenas existências excluídas e vulneráveis, **ã**o apenas classes, mas *formas de vida* mais hesitantes e dissidentes, como diz Peter Pélbart.

Neste trabalho visitaremos alguns movimentos/manifestações ligados à crise política atual que resistem não apenas ao golpe-impeachment, mas ao conjunto de forças e valores que o impulsionam. Movimentos que se irradiam, contagiando uns aos outros, e que adotam novas expressões: carnavais, performances, encenações, ocupações, intervenções em estádios de futebol, deboches, discursos-jograis. Em que medida podemos entrever, nessas estéticas peculiares, uma outra ética não restrita ou alinhada às esquerdas partidárias, e que parece apontar para algo *entre* a macro e a micropolítica?

Gestos, comportamentos e atitudes corporais compõem estas estéticas cujas energia e dimensões inconscientes reforçam ou inauguram formas de subjetivação diferentes. Podemos entender essa energia em termos de libido ou ainda como pulsação, o irrepresentável, mais *apresentação* do que *representação*.

Vídeo 1: https://www.youtube.com/watch?v=Y7M_o_Yv_go

Birman formulou um “desejo de resistência” disseminado hoje por diversos espaços sociais, onde vozes as mais diversas afirmam a liberdade de resistir: a liberdade seria, nos registros ético e político, o valor maior que catalisa os de igualdade e fraternidade, na modernidade. A resistência, questão estritamente moderna, surge com o advento de sociedades menos hierárquicas, concebidas como um conjunto de forças diversas que agem e reagem entre si e na qual cidadãos podem resistir ativamente ao poder, que diante disso tem que se rearticular.

A expressão “desejo de resistência” soa contraditória na psicanálise, que inicialmente colocou seu termos em oposição: resistência do eu e da consciência X o desejo inconsciente, visando sua interdição. Mas Freud enunciaria mais tarde uma resistência do Isso, na compulsão à repetição, e do superego, pela culpa e masoquismo, apontando uma dinâmica mais complexa do que a simples oposição. Freud sempre alertou para um excesso de recalque na neurose, articulado aos tabus e imperativos sociais, com seus correlatos, o sentimento de culpa e o masoquismo. É dessa complexidade que se concebe a resistência na ordem do desejo, quando o poder está em causa.

Entre nós, Peter Pélbart apontou um “desejo de rua” como resistência, incontido e crescente em nossa cidade a partir de 2013. As pessoas passam a ocupar espaços, ruas, praças, ciclovias, “sair de seus buracos privados ou virtuais”. Capaz de compor 300 blocos de carnaval de rua ou movimentos como o Parque Augusta, gerou também uma enorme gama de iniciativas que não atingem o limiar de visibilidade midiática e que seriam “como vagalumes frente aos holofotes espetaculosos”. Alguns destes coletivos e experiências perduram, outros são mais efêmeros. De qualquer modo, seriam situações menos determinadas e codificadas, onde se experimentam lógicas, afetos e estratégias que escapam à produção de subjetividade serializada, e por isto mais sensíveis ao que hoje pode ser inventado para confrontar o insuportável no cotidiano social - uma “nova

ecologia ambiental mas também subjetiva”. A força desses experimentos parece irrisória diante dos poderes constituídos, mas guardam uma potência virtual de transbordar até uma mobilização multitudinária capaz de mudar o destino de um parque, uma escola, uma avenida, uma cidade. Para além de uma contabilidade do sucesso – quem ganhou afinal? - fica, para quem a experimentou, uma marca de intensidade corporal e de sentido que pode ser retomada e ampliada em outro momento.

São os valores éticos ligados à enunciados e imagens que definem o que experimentamos como feio, bonito, interessante, louvável, intrigante, horrível, conforme contradizem valores internalizados em nosso sistema ideais/supereu. Fala-se muito hoje no ódio que marca as discussões políticas e a vida social, e ele aí está, mas a repugnância enquanto modo de ser afetado hoje evidencia-se em conversas dentro e fora da rede, pela circulação do *emoticon* que vomita na internet e nos “vomitaços” – protestos virtuais em que num determinado momento se intervém numa página ou site postando este signo. Freud atribuía a repugnância à experiência de um recalco que emerge em conflito com “os ideais éticos e estéticos do eu”. Pode vir de dentro (ideia ou lembrança) mas também da “realidade”, sobretudo em sua dimensão de alteridade, num modelo próximo ao *unheimlich*, no qual a “realidade externa” tem lugar e age - em nós.

A imaginação política não é uma esfera sonhadora destacada da realidade, mas diz respeito a conexão com forças reais, do entorno e as próprias (Peter Pébart). Herdeiros dos levantes paradoxais de 2013, naquilo que ali aconteceu de mais vivo, e tendo no Movimento Passe-Livre um precursor, movimentos atuais tendem a focar suas reivindicações e ações em algo pontual e concreto, ao mesmo tempo pragmático e simbólico. Há um movimento por “bancos com encosto em São Paulo, sugestão e possibilidade concreta de parar, sair do fluxo urbano de velocidade. Pequenas trupas de jovens se unem para projetar filmes na rua, transformando-a efetivamente em espaço público. Inúmeros coletivos se mobilizam em função da chamada “crise hídrica”. Iniciativas sem protagonistas redesenham a vida no Largo da Batata ou no Minhocão, torcidas de futebol exibem faixas durante jogos pela investigação da máfia da merenda. Bicletadas, abraços, Carnavatos, churrascões, ocupações diversas, rolezinhos. São insurgências distintas que, embora separadas no mapa, apontam para movimentos de apropriação e ressignificação dos espaços e da vida pública, em fluxos nos quais se cruzam diferentes tribos urbanas: militantes, ativistas, jornalistas, psicanalistas, arquitetos, estudantes, mulheres, jovens, trabalhadores, etc.

Apesar da preocupação com o comum e o senso de coletividade em sua organização, são grupos que não se confundem com uma massa homogênea aderida a um partido ou a uma ideologia, a massa no sentido freudiano. Antonio Negri definiu uma potência política da *multidão* que se oporia à das *massas* dos movimentos do século XX, cujos laços formados em torno de um malestar, uma ideia ou reivindicação, não implicam necessariamente um Ideal comum unificador. Cai o palanque como o lugar de líderes cuja palavra se espera e se aclama, substituídos por uma ideia de liderança pontual, performativa e contingente que pode ser encarnada por muitos, como no movimento dos secundaristas. O jogral substitui o discurso do líder, em uma disposição horizontal no espaço e na ação: ninguém fala de cima e não basta que um fale, é preciso que todos afirmem, coletivamente, o que têm a dizer.

Questões e impasses atuais de dimensões micropolíticas se misturam com a grande política e a ameaça aos processos republicanos mais básicos em curso avançado. Entre as mais relevantes, comparece a questão de gêneros, vedete de nossos tempos, mas também temas ligados ao corpo, à sexualidade e às liberdades civis. A questão da mobilidade, a valorização do espaço e do tempo livre para descansar e divertir-se, o direito à manifestação retomam com força a ideia do direito à cidade como espaço político e plural.

Exibem-se atitudes corporais bem divergentes do modelo da esquerda tradicional, cujo emblema poderia ser o homem trabalhador sindicalizado; paradigma mais masculino, apesar da história testemunhar tantas mulheres militantes. Revaloriza-se a liberdade dos corpos, seja como fonte de prazer, seja como potência de resistência à servidão voluntária. Ocorre também uma maior possibilidade de misturas – de classes, ativismos diversos, escolhas partidárias, gêneros, idades. No confronto com outros momentos históricos, destaca-se a presença dos muito jovens e das mulheres. Mulheres no plural: feministas, negras, mães, estudantes exibiram uma energia guerreira e, no entanto, feminina. Emblematicamente, passam a empunhar as baquetas dos tambores, protagonizam o ritmo e deixam de ser apenas passistas, às vezes exibindo os seios como fonte de potência e de prazer, inclusive de amamentar.

A presença do humor contrasta com o ar sério e a repetição já mecanizada de palavras de ordem dos atos políticos tradicionais. Freud tinha o humor como saída sublimatória sempre rebelde, nunca resignada: através da subversão dos sentidos habituais, desidealiza e desafia os poderes instituídos e seus representantes, suspendendo

recalques. Assim, muitas vezes a alegria foi o afeto predominante nestes movimentos que encarnam a ideia de *feira* embutida na palavra manifestação.

Um exemplo de expressões deste tipo são os Carnavatos, atos políticos sob a forma de carnaval. Com sua estética e intensidade carnavalesca e organização minimalista - horário e lugar aproximados e movimentação imprevisível, ostentam um espírito subversivo e irreverente que tende ao deboche.

Uma noite, estávamos no centro procurando o Arrastão dos blocos. Caminhando, passávamos por centenas de barracas do acampamento dos Sem Teto, silenciosos, em vias de se recolher. Encontramos os blocos já se desfazendo rumo ao Largo da Batata, onde se juntariam a outra manifestação - a proposta era todo mundo sair da República e ir juntos de metrô! As pessoas dançavam e cantavam um espécie de mantra em ritmo de marchinha: “*sexo oral, pelo fim do capital, sexo anal, pelo fim do capital, sexo lateral pelo fim do capital, assexual, pelo fim do capital.*”

De cima de uma van “puxava” o ato uma moça mascarada, vestida de shorts e top brilhantes e capa de super heroína. Encarnando uma paródia dos mandatos vigentes sobre o corpo da mulher, exortava: *Pela reforma agrária! Pela mídia democrática! Por uma política sem acordões!*

Em certo momento, todos descem para o metrô. Frente à multidão frenética e provocativa que avançava, os guardas metroviários se perfilam em formação de defesa. O grupo ensaia pular as catracas sem pagar - referência às catracas livres promovidas pelo governo do Estado nas manifestações pró-impeachment. O confronto é iminente. Mas eis que surgem, vindos de um jogo em Itaquera, integrantes da torcida organizada do Corinthians Pavilhão 9 (referência ao Carandiru), com seus surdos e toque cheio de potência, uma outra potência na qual predomina a energia masculina de uma outra classe social. O grupo se amálgama tão imediatamente à moçada que, diante de tal reforço, os guardas só puderam recuar, deixando passar a multidão eufórica. A caminho da Batata, o vagão superlotado literalmente tremia com lemas e batuques improvisados, intercalando o “não vai ter golpe” aos gritos da torcida do Corinthians: *Timão ê – ô.*

Video 2 :<https://www.youtube.com/watch?v=knr8TJCvjR4&feature=youtu.be>

Outro exemplo desta possibilidade de encontros sinérgicos e solidários entre grupos e mudanças súbitas de rumo: Em 2015, uma manifestação contra Cunha juntou

centenas de mulheres com pautas como aborto legal, direito ao corpo, não culpabilização da vítima de estupro. Desciam a Consolação rumo ao centro quando alguém convoca uma assembléia em meio à manifestação. Chegava pelas redes, nos celulares, a notícia que a escola Fernão Dias, ocupada recentemente, estava com a tropa de choque na porta, ameaçando a reintegração de posse. Parte das mulheres propunha a mudança do trajeto para juntar-se aos estudantes e barrar essa ação; outra queria continuar. Após discussões, o ato se dividiu. Uma parte seguiu para a escola, onde foi recebida com festa. As pessoas concentradas ou acampadas fora da escola cantavam com e como os secundaristas por trás dos muros da escola ocupada as músicas de seu movimento. Neste dia, mulheres e crianças conseguiram impedir – ao menos por ora – a reintegração de posse e a ação truculenta da polícia.

O movimento do secundaristas foi o mais surpreendente e comemorado, enquanto forma capaz de conjugar aspectos macro e micropolíticos. Desencadeado por uma intervenção do governo do Estado eufemisticamente nomeada como reorganização, meninos e meninas mostraram que detinham a motivação, mas também coragem e inteligência política para lutar em seus próprios termos. Com sua capacidade de articular forças, de comunicar-se, de não recuar diante da violência policial, foram bem-sucedidos no campo macro, barrando temporariamente o projeto do governo, e o fizeram numa economia micropolítica autogestiva, de convívio comunitário, de horizontalidade e autonomia. O movimento operou assim um corte no tempo político, um antes e um depois irreversível no qual aquilo que era tido como natural, inevitável – modo de gestão das escolas, a degradação do ensino público, etc –, de repente se torna insuportável, e o que era impensável passa a ser desejável, contagiando pais, professores e população em torno de questões que transbordaram as reivindicações iniciais e renovando a própria noção do exercício da cidadania. Não por acaso, a resistência organizada mais importante à PEC 241 é protagonizada hoje por estudantes do Brasil inteiro, com mais de 1.000 instituições ocupadas entre escolas e universidades.

Houve também a série de Abraços e Carinhos, atos de mulheres que efetivaram país a fora uma intervenção direta sobre o corpo da então presidenta, acuada por ataques de todo tipo, inclusive dirigidos a sua figura feminina. Uma mulher com passado de tortura e com fama de “durona” foi abraçada por centenas de mulheres num gesto feminino, afetivo, caloroso, que no mesmo gesto emprestava força e desmanchava a rigidez do corpo presidencial.

Um tipo de ato que se disseminou foram os que consistem na presença provocativa de um grupamento em frente às casas ou lugares “privados” de uma autoridade ou político. Fantasiadas de bruxas em frente à casa de Marta ex-Suplicy, mulheres cobravam coerência da senadora eleita que agora apoiava o impeachment no Senado. Uma rede secreta de What’s Up de um bairro nobre fez intervenções diárias em frente à casa de Temer, com adaptações de marchas carnavalescas e cenografias onde lápides davam a saúde e a educação como mortas. João Dória recebeu este tipo de visita logo após sua eleição, a maioria ciclistas. Forma polêmica, tanto quanto os escrachos, pelo elemento agressivo – mais ou menos sublimado - desse tipo de manifestação.

A emocionante passeata dita dos 100 mil em setembro pode servir de exemplo de “convocação” enigmática capaz de levantar uma multidão. Uma adesão experimentada por muitos como súbita, imantados de última hora sem ainda saber o que os levava e desafiando o medo devido a toda uma semana de repressão policial violenta às várias manifestações protagonizadas pelos jovens. Tribos e classes sociais distintas e famílias inteiras promoveram um verdadeiro acontecimento com pouca presença de entidades e de partidos. Predominou a figura do cidadão comum, do personagem moderno, “o homem da multidão”. Encontros com conhecidos eram comemorados com abraços efusivos, alívio e alegria de não se estar isolado no mal-estar.

Entre os vídeos que circularam nas redes registrando o momento da entrada no túnel de acesso a Av. Rebouças, um manifestante dizia ter captado “o momento exato em que a melancolia deu lugar à alegria”. Adentrando a pé espaços em que habitualmente só se passa de carro, enfrentando a escuridão imposta como intimidação com a lanterna dos celulares – pelos quais chegavam informes sobre os movimentos da polícia, as pessoas redobram suas forças nos gritos - golpista! - numa alegria carnavalesca e afirmativa. Mas o clima inicial não era exatamente melancólico, estávamos bravos. Diz-se que os afetos envolvidos nas insurreições multitudinárias são primeiro a cólera e depois a alegria, enquanto na formalização democrática prevalece a angústia. O final, como sabemos, veio estupidamente confirmar a razão do protesto, com o ataque violento da Polícia Militar, com gás e balas de borracha, quando a manifestação já se dispersava.

Após a posse de Temer e sobretudo a derrota das esquerdas nas eleições municipais, manifestações e atos pontuais persistem, mas chama a atenção a quantidade de encontros organizados em torno de problemáticas setorializadas e urgentes: educação, ecologia, saúde mental, política. Surgem através das redes iniciativas que podem tornar-

se coletivas – pessoas se oferecem para lecionar as matérias excluídas na rede pública, imprimem adesivos com o símbolo do limite de 50 km para colar nos carros ou se reúnem para expressar gratidão e apoio a Haddad, em clima festivo e afetivo mesmo após a derrota nas urnas: algo da ordem de um saber perder sem desespero, talvez mais consciente das forças e implicações profundas do momento em que vivemos.

Nos anos 80 observou-se o desenvolvimento de uma esquerda dita festiva. À ditadura vigente mas já enfraquecida se opunham de um lado os grandes movimentos sindicais e as greves e, de outro, movimentos e atitudes rebeldes e mais debochadas, voltadas para o plano dos costumes, em movimentos como a campanha Desobedeça, a organização de uma Marcha sem Motivo, o surgimento das rádios piratas. Tratava-se de deslegitimar um poder repressor que já não podia prender, matar, torturar impunemente. O medo já podia ser mediado pelo humor como forma de enfrentamento. Uma questão que se coloca é em que medida hoje, com um golpe em curso no país e um aparato repressor forte se reestruturando, podemos sustentar nossa vitalidade, e de que modo.

No recém lançado Crise e Insurreição, anarquistas criticam a redução da democracia a um conjunto de formalismos esvaziados que não se restringe a chamada crise da democracia representativa. Denunciam por exemplo a Assembleia geral como organização banal e sem surpresas, forma venerada onde no entanto a palavra circula de modo excessivamente ordenado, cronometrado, codificado numa sequência de monólogos que evita a eclosão de conflitos que poderia trazer algo novo. Eles defendem o desenvolvimento de uma atenção que interessa ao psicanalista: “não apenas ao que é dito, mas sobretudo o que não é, à forma como as coisas são ditas, ao que se lê nos rostos. Renunciar a atenção de uns aos outros em prol de uma atenção inédita ao comum. Substituir o regime mecânico de argumentação por um regime de verdade, de abertura, de sensibilidade “para o que está aí”, redescobindo a carga afetiva ligada à palavra, a palavra verdadeira.”

Deleuze usa palavras que hoje quase nos constroem, como crença, fé, confiança. Mas o faz subvertendo seu sentido cristalizado. Como no humor, trata-se de uma crença que se opõe à crença religiosa em qualquer instância transcendente. Trata-se de uma crença neste mundo, nem mesmo um mundo transformado numa determinada direção, diz ele, mas o mundo tal como ele é.

Mais importante que a coerência interna de um pensamento ou uma filosofia, seria o que engendram ou convidam em termos de ação. A capacidade de agir, mais do que a



questão de como agir, estaria hoje em pauta. Com as vias institucionais ocupadas por um verdadeiro batalhão de choque, simultaneamente nos campos político, jurídico e midiático, os caminhos possíveis para uma certa produtividade - e porque não, alguma alegria -, precisam encontrar uma outra lógica e uma outra ética que não a de uma polarização ardilosamente fabricada. Se pudermos falar outra língua, manter nossos próprios termos, investir na possibilidade de criar outro tipo de experiências e registros, mesmo que em âmbitos aparentemente menores, talvez, então, não adoecemos.

Bibliografia

Birman, J. *Arquivos do mal-estar e da resistência, Civilização Brasileira, 2006*

Pélbart, P. Desejo de rua e O que muda como os secundaristas (*artigos disponíveis na internet*); *O avesso do niilismo – Cartografias do esgotamento*, n-1 edições, 2013

Lappoujade, D., *Os movimentos aberrantes*, n-1 edições, 2015

Cômite Invisível, *Crise e Insurreição – aos nossos amigos*, 2016

